

**UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU**  
**CAMPUS MOOCA**

**MARIANNE SEIXAS ABREU<sup>1</sup>**

**NARRATIVAS PERIFÉRICAS ATRAVÉS DOS IMPACTOS SOCIAIS E  
CULTURAIS: O QUE É PERIFERIA?**

**SÃO PAULO**

2022-2

---

<sup>1</sup> Estudante de Jornalismo na Universidade São Judas Tadeu, campus Mooca. Assessora de imprensa na Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social.  
E-mail: [marianneixasabreu@gmail.com](mailto:marianneixasabreu@gmail.com)

**UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU**  
**CAMPUS MOOCA**

**MARIANNE SEIXAS ABREU**

**NARRATIVAS PERIFÉRICAS ATRAVÉS DOS IMPACTOS SOCIAIS E  
CULTURAIS: O QUE É PERIFERIA?**

Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Jornalismo da Universidade São Judas Tadeu, campus Mooca, São Paulo, como requisito principal para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Professor-Mestre Francisco Moacir Assunção Filho

**SÃO PAULO**

**2022**

# **NARRATIVAS PERIFÉRICAS ATRAVÉS DOS IMPACTOS SOCIAIS E CULTURAIS: O QUE É PERIFERIA?**

Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Jornalismo da Universidade São Judas Tadeu, campus Mooca, São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Professor- Mestre Francisco Moacir Assunção Filho

São Paulo, 07 de dezembro de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

**Professor Mestre Francisco Moacir Assunção Filho**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e a minha família por sempre terem acreditado em mim, principalmente a minha mãe Elaine Cássia Lopes Seixas Abreu e ao meu pai Elvis Venicio França de Abreu que fizeram o possível e o impossível para prover tudo que eu precisei para chegar até aqui, sem eles isso seria irreal. Agradeço também ao meu irmão Guilherme Seixas Abreu por todo apoio e incentivo

Agradeço ao meu professor e orientador Moacir Assunção Filho por todas as orientações necessárias, por não ter deixado que eu perdesse o foco e por ter acreditado nesse tema. Também aos meus professores Juca Rodrigues, Patrícia Paixão e Sérgio Pinheiro por não terem deixado a paixão do jornalismo e da comunicação morrer, o incentivo foi extremamente necessário durante todos esses anos caóticos.

Agradeço ao meu Namorado João Fernandes por sempre ter acreditado no meu potencial. Agradeço minha amiga e companheira nessa jornada maluca Júlia Alves Silva por sempre ter me apoiado, tenho orgulho de quem sou graças a ela e ainda mais orgulho da incrível profissional que ela é e vai ser.

## RESUMO

O presente artigo discute o que é periferia e os preconceitos diretos contra esse espaço discriminado da cidade, por meio da análise de duas reportagens que abordam as questões das falas periféricas e o que é periferia: uma delas, do Brasil Escola, e a outra, da Revista Continuum, Itaú Cultural. Assim, o trabalho utiliza a metodologia da Análise Qualitativa Simples com o uso de pesquisa bibliográfica para explicitar a importância do olhar periférico, a ideia de desconstrução e a possibilidade de ocupar espaços. O artigo busca colaborar para desconstruir o falso conceito de que tudo que nasce e envolve diretamente o universo periférico é ruim.

**Palavras- chave: periferia; desigualdade social; favela; potência**

## **ABSTRACT**

This article discusses what periphery is and the direct prejudices against this discriminated space in the city, through the analysis of two reports that address the issues of peripheral speeches and what periphery is: one of them, from Brasil Escola, and the other, from Continuun Magazine, Itaú Cultural. Thus, the work uses the Simple Qualitative Analysis methodology with the use of bibliographical research to explain the importance of the peripheral look, the idea of deconstruction and the possibility of occupying spaces. This thesis seeks to collaborate to deconstruct the false concept that everything that is born and directly involves the peripheral universe is bad.

**Keywords:** periphery; social inequality; shanty town; power

## 1. Introdução

A periferia é um conjunto de pessoas, culturas, espaços, classes e lutas. Nela, situadas geograficamente nas bordas das cidades existem desdobramentos sociais, políticos, culturais e estéticos que têm uma relação direta com o processo de subjetivação de cada pessoa que a vive diariamente, seja dentro ou fora dela.

A visão da periferia urbana como espaço homogêneo, isolado, dependente das áreas centrais é bastante comum, é uma visão caricatural. Saber o que é periferia, a diferença entre periferia e favela e como elas funcionam é alvo de diversos estudos, O que é periferia, de Mariana Sgarioni e Rafael Tonon<sup>2</sup>, Contrastes nas favelas por Amarolina Ribeiro<sup>3</sup>, Narrativas Periféricas por Érica Peçanha<sup>4</sup>. Tais estudos têm dado lugar a novos pensamentos sobre como a periferia vive e resiste e como o centro afeta diretamente esses processos. Érica Peçanha afirma:

*As periferias trazem na sua essência a capacidade de inventividade, superação e resiliência, enfim, algo que seria mais bem definido como “potência” (urge, portanto, ir além das representações tradicionais a respeito desses territórios, sempre centradas em suas carências mais visíveis).”* Narrativas Periféricas: Entre Pontes, Conexões e Saberes Plurais (2020)

Em geral, a maioria dos trabalhadores sai das periferias diariamente em busca de trabalhos formais e informais para acessar saúde, educação e lazer. Esse deslocamento faz com que ocorra uma conexão entre esses dois mundos configurando a periferia como um território existencial

Não é apenas uma localização. Estar na periferia é ocupar uma posição na sociedade, quase sempre vista como subalterna, ela coloca o morador em conexão com o centro. Essa conexão é estabelecida através da movimentação causada pela exploração do trabalho, entender que há vozes, narrativas e trajetórias que precisam ser enaltecidas nesse espaço é necessário para que seja entendida a visão periférica do mundo.

Neste artigo, procuramos mostrar a diferença estética e cultural entre as periferias,

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/06/14/o-que-e-periferia-entrevista-para-a-edicao-de-junho-da-revista-continuum-itaucultural/>. Acesso em 14 de setembro de 2022

<sup>3</sup> Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/contrastes-nas-favelas.htm>. Acesso em 14 de setembro de 2022

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/683>. Acesso em 14 de setembro de 2022

favelas, comunidades e o centro, centro expandido e seus bairros nobres. Por isso, o foco principal é descrever de forma minuciosa todos os passos da construção metodológica, o que permite enxergarmos através do olhar periférico como o mundo funciona, dentro e fora da comunidade.

## 2. A periferia e os espaços que ela ocupa

Há diversas formas de se referir a periferia, que também é facilmente confundida com favela. Elas são um reflexo de uma sociedade desigual, que não oferece moradia para a população mais vulnerável. Em função desta falta de políticas públicas, a população mais pobre se estabelece em ocupações irregulares, quase sempre em áreas de risco.

Existe uma diferença geográfica e monetária entre favela e periferia. De acordo com o IBGE<sup>5</sup> (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a favela é um aglomerado subnormal, é uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas restritas à ocupação.

A favela não é sinônimo de periferia, ela está na periferia, mas a periferia não se reduz a essa forma social e morfológica de habitação. A negatividade relacionada ao conceito de favela para além da posse da terra assenta-se em um tripé discursivo resumido: a favela tem uma forma específica indicada por padrões incorretos de edificações, tem uma economia estéril: celeiro de mão de obra barata, é um espaço no qual impera a violência e exala o medo para toda a cidade.

Já a periferia é definida como tudo aquilo que está em volta do centro, é conhecida como o local que abriga a população de baixa renda, é uma consequência do centro. Há várias periferias espalhadas pela cidade que ocupam diversos significados no imaginário social. Ela não caracteriza apenas o nível de afastamento geográfico do afastamento urbano. Alvaro Domingues<sup>6</sup> (1994) argumenta que a periferia

*“É o lugar da exclusão, da marginalidade e da segregação social, da ausência de uma noção de pertença a um lugar, do déficit de cidadania”. Segundo ele, a distância ao centro é uma distância sociológica, simbólica e de poder.*

---

<sup>5</sup> Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=o-que-e>. Acesso em 11 de novembro de 2022

<sup>6</sup> Geógrafo Alvaro Domingues em (Sub)úrbios e (sub)urbanos: o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?

O afastamento do centro é causado por diversos motivos. Um deles é a carência econômica vivenciada por seus moradores. Isso provoca a criação de diversos modos de vida dentro da periferia, já que a posição que o indivíduo ocupa dentro dessa sociedade o coloca em diversos níveis e status sociais. Por conta disso subentende-se que existam lugares específicos em que a periferia é permitida a existir, deixando assim um espanto quando as barreiras são ultrapassadas. Esse afastamento do centro na atualidade é uma concepção simbólica, ainda mais se for considerado o marco cultural existente. Não pode ser medido apenas pelo separação local, mas também pelo efeito cultural causado pela expansão urbana da cidade e pelas regras existentes no imaginário popular de como deve ser o comportamento na cidade.

Sendo assim, ela não precisa ser exatamente tudo aquilo que está fora do centro, ela pode estar localizada geograficamente no centro de uma capital e ainda sim ser uma periferia ou uma favela. De acordo com o estudo feito por Marcelo Batista Nery, Altay Alves Lino de Souza e Sergio Adorno, pesquisadores do Núcleo de Estudos de Violência, da Universidade de São Paulo (NEV-USP)<sup>7</sup> ‘Os padrões urbano-demográficos da capital paulista’ em 2019, a divisão de São Paulo entre Centro e periferia é ultrapassada e insuficiente para dar conta da grande complexidade do município. Por ser uma cidade heterogênea, a desigualdade social é um dos motivos para essa variação tão ampla de padrões.

A cidade de São Paulo é uma obra coletiva e é palco dos mais contraditórios fenômenos sociais, como a reprodução econômica e social que exclui os segmentos mais pobres da sociedade. Não é um lugar vivenciado como um todo e sim a partir dos bairros e de lugares de conexão do cotidiano. Isso configura a periferia como um território existencial. Por conta disso, o povo periférico precisa sempre provar o seu valor, por viver diversas adversidades no seu cotidiano

A periferia está completamente espalhada dentro da cidade e é o lugar onde os sonhos são interrompidos com mais frequência, porque os direitos sociais como saúde, cultura e educação chegam por último. A luta pela transformação social, igualdade e qualidade de vida é coletiva, mas mais recorrente para o povo periférico, por terem que conquistar um espaço na cidade, por não viverem a cidade como um todo e sim a partir de bairros e de lugares de conexão com o cotidiano.

---

<sup>7</sup> É um centro de apoio à pesquisa científica voltado para a discussão de temas relacionados à violência, democracia e direitos humanos fundado em 1987 e situado na Universidade de São Paulo. Fonte: <https://nev.prp.usp.br/sobre/institucional/>

Quando o Estado nega direitos sociais, legitima a violência do mercado, dificulta a chegada do saneamento básico, água, esgoto e serviços públicos como educação, saúde e lazer, ele confirma a dificuldade da vida em periferias e favelas. Conforme lembra Mano Brown em ‘A vida é um desafio’ do grupo musical Racionais Mc’s

<sup>8</sup>Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo / Quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol / Vai vendo! / Mas o sistema limita nossa vida de tal forma / E tive que fazer minha escolha, sonhar ou sobreviver / Os anos se passaram e eu fui me esquivando do círculo vicioso / Porém o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido / Acredito que o sonho de todo pobre, é ser rico / Em busca do meu sonho de consumo.

### **3. Desigualdade social periférica**

Há uma diferença abismal na qualidade de vida e na garantia de direitos dos habitantes de São Paulo, por isso, refletir sobre a vida periférica é importante e deve ser incentivada. Milton Santos<sup>9</sup> relatou em sua teoria ‘Cidadania Mutilada’<sup>10</sup> que “alguns grupos têm sua cidadania delimitada pelas desigualdades sociais.” Essa reflexão parte da ideia de que a gradação de direitos entre diferentes cidadãos e o sentimento de injustiça provocam o surgimento de movimentos sociais que questionam o estado atual da hierarquia social e impulsionam a luta por reconhecimento dos direitos que lhes são negados na prática.

A exclusão social periférica não é um estigma, é algo real, não imaginária. Viver a periferia diariamente é uma luta. É necessário mudar a ideia de que saneamento básico, segurança, saúde e educação são privilégios, sendo que se constituem como direitos, que deveriam ser líquidos e certos. De acordo com a professora de arquitetura e urbanismo da Universidade de São Paulo (USP), Raquel Rolnik<sup>11</sup>,

O estigma se dá quando ela (à periferia) é representada e mostrada pelo olhar de alguém que não vem de lá, que não vive lá, enfim, de um olhar totalmente estrangeiro sobre aquela realidade. Para minimizar essa imagem, é imprescindível dar voz também a outras questões, mostrar outras verdades. Raquel Rolnik em ‘O que é Periferia?’ (2010)

---

<sup>8</sup> Música A vida é um desafio - Racionais Mc’s (2002)

<sup>9</sup> Professor universitário, geógrafo e escritor

<sup>10</sup> Teoria disponível no livro ‘O Preconceito’ publicado em 1996

<sup>11</sup> Professora de arquitetura e urbanismo da Universidade de São Paulo (USP)

Periferias e favelas são um reflexo de uma sociedade desigual, que não disponibiliza moradia para a população mais vulnerável, uma forma de enxergar esse realidade é olhando a quantidade de pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo, de acordo com o Censo da População em situação de Rua<sup>12</sup> realizado em 2021, divulgado em 2022 pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS)<sup>13</sup>, 31.884 pessoas vivem em situação de rua na capital. Em função desta falta de políticas públicas, a população mais vulnerável se estabelece em ocupações irregulares a áreas de risco fazendo com que assim existam várias cidadelas dentro de uma cidade.

Segundo Zygmunt Bauman<sup>14</sup> em ‘Comunidade. A busca por segurança no mundo atual’ (2000)<sup>15</sup> “paradoxalmente, almejamos e resistimos à segurança coletiva, em prol da liberdade individual”. Questionar até onde a sociedade é auto suficiente é importante já que para o povo periférico que representa 11% da população da cidade de São Paulo, de acordo com o censo de 2010 realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)<sup>16</sup>, na região metropolitana 2.162.368 pessoas moram em periferias ou favelas, além de viver em situações precárias, os moradores dessa região precisam lutar diariamente para ter acesso ao básico, já que o acesso à habitação é um direito fundamental da condição humana e está previsto na Constituição Federal brasileira.

A “ilegalidade” das moradias acabou por estimular uma nova participação cívica e novas lutas por direitos, através das quais os cidadãos exigem sua incorporação legal à cidade. Os moradores de periferia ao participarem de movimentos em luta pela igualdade social se encaixam em uma nova posição no mundo, ganhando mais espaço e força de diálogo. Conforme lembra Gonzaguinha<sup>17</sup> na música ‘E vamos à luta’ (1980)

“Eu acredito é na rapaziada Que segue em frente e segura o rojão Eu ponho fé é na fé da moçada Que não foge da fera e enfrenta o leão Eu vou à luta com essa

---

<sup>12</sup> Censo realizado de dois em dois anos pela Prefeitura de São Paulo por meio da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS)

<sup>13</sup> Secretaria Municipal que tem como missão cuidar das políticas voltadas para a assistência social do município de São Paulo. Fonte: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia\\_social/censo\\_2021/index.php?p=2007](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/censo_2021/index.php?p=2007) [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia\\_social/secretaria/a\\_secretaria/index.php?p=1856](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/secretaria/a_secretaria/index.php?p=1856)

<sup>14</sup> Foi um filósofo, sociólogo, professor e escritor polonês. Sua obra influencia estudos em sociologia, filosofia e psicologia." Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/zygmunt-bauman.htm>

<sup>15</sup> Livro lançado em 2000 escrito por Zygmunt Bauman que conta a visão e teoria do sociólogo sobre a comunidade.

<sup>16</sup> Censo realizado em 2010 pelo IBGE que mostra a porcentagem de pessoas que viviam na periferia.. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>

<sup>17</sup> Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, foi um cantor e compositor brasileiro.

juventude Que não corre da raia a troco de nada Eu vou no bloco dessa mocidade  
Que não tá na saudade e constrói A manhã desejada”

### 3.1 A potência periférica

A periferia que já foi definida somente pelo binômio *pobreza e violência*, termos estigmatizantes e formulados quase sempre fora dos bairros populares, hoje é vista também pelos elementos cultura e potência. Quando o sujeito periférico passa a se enxergar com orgulho uma nova subjetividade se forma, sobretudo entre os jovens, enfatizando o orgulho de sua condição e as potencialidades dessa condição, fazendo com que seus moradores comecem a construir novas formulações sobre si mesmos e sobre sua posição no mundo.

Quando narrativas periféricas são abordadas fora de sua bolha social, fora do mundo periférico, elas muitas das vezes são distorcidas e até descredibilizadas, mas quando um indivíduo fora dessa bolha se apossa de algumas dessas narrativas, elas são aceitas e até muitas vezes vangloriadas, pois mesmo sendo um discurso periférico, quando aceito pela sociedade burguesa deixa de ser mal visto.

De forma a acompanhar os singulares modos de vida e subjetivação dos povos periféricos e desconstruir falsos conceitos de que tudo que nasce e envolve diretamente o universo periférico é ruim, mostrar a perspectiva de vida periférica é de fato importante.

Cida Bento<sup>18</sup> cita em seu livro ‘O Pacto da Branquitude<sup>19</sup>’ (2022a) os movimentos de descaracterização de símbolos que têm poder na periferia, para que eles, corpos não periféricos, possam dar novos enredos e desapropriar o seu poder do povo que o usa. É fácil de reconhecer esse apagamento cultural e o impacto causado na sociedade quando algo culturalmente utilizado na periferia passa a ser usado por um corpo não periférico e vira toda uma nova estética.

Existe um movimento que se relaciona com esse impacto, que coloca esses indivíduos não periféricos em locais de protagonismo e que ainda são reconhecidos por grandes canais de comunicação como inovadores e autênticos, mesmo não sendo detentores da estética. As narrativas periféricas e seus locais de marginalização e de invisibilidade por serem

---

<sup>18</sup> Maria Aparecida da Silva Bento, conhecida como Cida Bento, é uma psicóloga e ativista brasileira, diretora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, que atua na redução das desigualdades raciais e de gênero no ambiente de trabalho. Fonte: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=11433>

<sup>19</sup> Livro que denuncia e questiona a universalidade da branquitude e suas consequências nocivas para qualquer alteração substantiva na hierarquia das relações sociais. 2022a.

simplesmente o que são, paradigmas da realidade periférica.

As necessidades periféricas sobre educação, cultura, lazer, segurança e habitação refletem uma busca por pertencimento, é somente tendo esse pertencimento e o cuidado que as políticas públicas oferecem que o cidadão pode construir planos e sonhos.

#### **4. Análise das reportagens selecionadas**

Através da Análise Qualitativa Simples, iremos analisar dois artigos jornalísticos ‘*O que é periferia*’ de Mariana Sgarioni e Rafael Tonon, disponível na revista *Continuum Itaú Cultural*<sup>20</sup>, e ‘*Contrastes nas favelas*’ por Amarolina Ribeiro, disponível no portal *Brasil Escola* do UOL<sup>21</sup>, para podermos nos aprofundar no assunto, entendermos a periferia e a realidade em que ela está inserida.

O primeiro material analisado é a reportagem ‘*O que é periferia*’ de Mariana Sgarioni e Rafael Tonon, uma entrevista realizada com Raquel Ronik em 2010 para a revista *Continuum Itaú Cultural*. A revista foi um projeto realizado pelo Itaú Cultural que discute diversos temas culturais da atualidade e suas manifestações, é impressa e virtual e busca mostrar ideias em continuidade trazendo reflexões de um tema de cada vez todo mês.

A reportagem escolhida é de acesso livre no site e foi publicada em 7 de junho de 2010, pelos repórteres Mariana Sgarioni e Rafael Tonon, a edição de número 26 fala sobre a periferia trazendo especialistas para discutirem a formação da periferia e sua força política e cultural, sendo analisado especificamente a entrevista de Raquel Ronilk, Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade de São Paulo.

O segundo material analisado é a reportagem ‘*Contrastes nas favelas*’ de Amarolina Ribeiro, graduada em geografia, para o portal *Brasil Escola*. O site é uma parceria com o portal de notícias Uol e é o maior portal de educação do Brasil, traz conteúdos para vestibulares, atualidades e conhecimentos gerais. O site é composto por exercícios, notícias e artigos com temas diversos para ajudar no processo de aprendizagem de todos.

---

<sup>20</sup> Revista do Itaú Cultural que possui diversas edições e busca mostrar a cultura de uma forma diferente

<sup>21</sup> O maior portal de educação do Brasil e oferece conteúdos sobre vestibulares,

#### 4.1 Reportagem “O que é periferia” da revista Continuum

A reportagem foi desenvolvida especificamente para a 26ª edição da revista que tem como um dos objetivos apontar caminhos para o reforço da cidadania e como finalidade explicar o que é a periferia pelo olhar de moradores e especialistas que são entrevistados ao longo da edição, mas, iremos analisar uma entrevista em específico, realizada com a arquiteta e urbanista Raquel Rolnik que mostra o ponto de vista de uma especialista sobre a periferia e o como ela funciona.

“Espaços em transformação” é um dos subtítulos utilizados pelos repórteres Mariana Sgarioni e Rafael Tonon durante a entrevista com Raquel Rolnik. A reportagem começa com um breve resumo sobre o que é a periferia, como ela é vista por cada um e como o conceito sobre ela pode ser relativo.

Foram feitas diversas perguntas para a especialista como: Para você, o que é periferia? Que tipo de problema social a periferia representa? As iniciativas que tentam integrar a periferia ao restante das grandes cidades geram resultados? Qual a força da periferia em termos políticos? E no tocante à arte e à cultura? Como transformar o estigma de exclusão que paira sobre os moradores da periferia? E ao responder todos esses questionamentos, dando a sua opinião e desmistificando algumas questões que envolvem a periferia.

Durante a reportagem é possível entender que existem diversos tipos de periferia e que cada periferia age e vive da sua forma, para Raquel “a periferia é marcada muito mais pela precariedade e pela falta de assistência e de recursos do que pela localização”. Esse pensamento levanta questionamentos importantes para o leitor, porque mostra que a falta de auxílio do Estado é um dos maiores causadores da escassa vida periférica.

A falta de pertencimento é um dos problemas sociais enfrentados pela periferia e pelo povo periférico, visto que há dúvidas se a periferia pertence a cidade ou se ela é uma consequência da cidade ou um problema já que em algumas periferias o acesso à saúde, educação, segurança e até saneamento básico é escasso.

Essa questão é transcendente porque joga luz sobre muitos outros problemas das periferias, como a crescente violência e o controle do tráfico de drogas. Um lugar em que reina a ambiguidade é uma “terra sem dono”, onde teoricamente qualquer pessoa ou grupo pode tomar para si o seu controle. É isso que acontece, por exemplo, com o próprio tráfico. ROLNIK (2010)

A urbanista acredita que por conta da forma que a periferia é mostrada diariamente por olhos de quem só a enxerga de fora e não a vive de verdade é criado um estigma de exclusão nos espectadores e no próprio indivíduo periférico. Por isso é tão importante dar voz a quem precisa, a corpos periféricos, mostrar outras verdades além das estereotipadas “para isso, é necessário oferecer oportunidades para que a periferia possa se mostrar da forma como gostaria.” conclui Rolnik

O público-alvo dessa reportagem é para além dos leitores mensais da revista, ela claramente quer furar a bolha daqueles que a leem para enxergarem o mundo a sua volta, os autores querem provocar o leitor a olhar as regiões que estão redor do centro, que estão na borda da sociedade, querendo ir além dos problemas que ocorrem na periferia, pretendem, claramente, mostrar a cultura e a potência que urge dentro dela pois é assim que se elimina estigmas.

A reportagem cumpre o seu papel social e os seus objetivos, traz uma linguagem simples e didática que responde todas as perguntas que são levantadas durante a sua leitura.

#### **4.2 Reportagem “Contrastes nas favelas” do Brasil Escola**

Com uma clara linha fina<sup>22</sup> é possível ver o objetivo da geógrafa Amarolina Ribeiro, “Uma origem semelhante, espaço diversificado e características variadas constituem o espaço das favelas e seus contrastes.” Nessa reportagem aprendemos sobre a favela, o que ela é, como surgiu, qual espaço cultural e social que ela ocupa e seus estereótipos.

Esse texto foi escrito especificamente para o portal, por isso, tem uma característica educacional bem predominante pois o seu objetivo é ensinar a quem precisa sobre favelas. Ela traz explicações históricas detalhadas sobre o tema, mostrando em tópicos: quando as favelas surgiram no Brasil e como a industrialização e urbanização acelerada ajudaram no desenvolvimento das favelas no país.

Ela começa explicando o significado de favela de acordo com o IBGE e comenta o entendimento que é tirado dessa definição: "a favela é descrita por aquilo que não possui, e não pelo que é." Logo após a essa explicação, ela contextualiza de uma forma histórica e de

---

<sup>22</sup> Frase ou período sem ponto final, que aparece abaixo do título e serve para completar seu sentido ou dar outras informações. Funciona como subtítulo. Usa letras menores que as do título e maiores que as do texto. Fonte: [https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_edicao\\_1.htm#:~:text=linha%2Dfina%20%2D%20Frase%20ou%20per%C3%ADodo,maiores%20que%20as%20do%20texto](https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_edicao_1.htm#:~:text=linha%2Dfina%20%2D%20Frase%20ou%20per%C3%ADodo,maiores%20que%20as%20do%20texto).

fácil entendimento, quando, onde e porquê as favelas começaram a aparecer pelo Brasil, mostrando quais são as dificuldades diárias enfrentadas pelos moradores desses locais.

A presença, os contrastes e a ausência de apoio do Estado é uma das características citadas pela geógrafa sobre como são as favelas e sobre como “A favela é essencialmente um espaço de problemas, mas, na mesma medida, um espaço de soluções”.

Ajudar as pessoas a enxergarem a diversidade das favelas é um propósito claro da reportagem, pois os estereótipos de que é um espaço de violência, exclusão e pobreza é ultrapassado. "Entender a favela como um espaço apenas de violência e criminalidade também é restringir as suas características a um único aspecto. Há violência e criminalidade também em outros espaços. A favela é mais uma parte da cidade e reflete o que acontece nela." afirma Ribeiro.

Além de informar a quem precisa, a reportagem desconstrói algumas ideias capacitistas que estão enraizadas em cada um de nós. O objetivo é ajudar a desmistificar o preconceito existente quando se pensa em favela e ele é cumprido de uma forma muito bem simples e didática,

"É verdade que há pessoas que habitam esse lugar apenas por necessidade ou falta de opção. Todavia, embora esses espaços de vivência tenham suas limitações, muitas pessoas identificam-se e têm orgulho de sua origem. Tanto é que muitos têm optado por utilizar o termo comunidade para referir-se à favela. Esse termo traz consigo a identificação com o grupo ao qual a pessoa se sente pertencente e não carrega os estigmas negativos relacionados com a palavra favela." RIBEIRO (2022a.)

Durante as explicações é possível ver quatro imagens que mostram favelas em diversos estados brasileiros fazendo com que a explicação além de teórica se torne também visual para um melhor entendimento do leitor.

Um exemplo de uma das imagens escolhidas para a reportagem é a de uma favela carioca com a legenda jornalística “As favelas são aglomerações urbanas que possuem características distintas umas das outras”, as favelas cariocas foram as primeiras a surgirem no Brasil no final do século XIX e início do século são conhecida por seus aglomerados de casas em cima de morros:



## 5. Considerações Finais

São paulo é uma cidade heterogênea, fragmentada e hierarquizada que possui 2.162.368 de pessoas vivendo em periferias e favelas que estão espalhadas para todos os lados, ao analisarmos a forma que a periferia e a favela são enxergadas pela população mais rica e pelo próprio povo periférico foi possível identificar diversos estigmas e preconceitos existentes entre diversos discursos.

Quando falamos sobre as problemáticas periféricas nos referimos à falta de moradias regulares, saneamento básico, segurança, saúde, educação de qualidade e lazer em alguns bairros e a como o preconceito contra o povo periférico auxilia no crescimento de todos esses déficits. Quando falamos em periferia é interessante que seja para mostrar a potência que existe em cada uma delas, sujeitos que lutam diariamente para ter tudo que precisam e que ousam querer algo além do básico para sobreviver.

Ao buscar informações em sites de pesquisa sobre a periferia ainda surgem diversas reportagens que remetem à pobreza, desigualdade social e violência por isso as reportagens analisadas são tão importantes, elas ajudam a desmistificar alguns conceitos enraizados na população e são bem sucedidas nesse quesito.

Assim, podemos concluir que ambas reportagens contribuem, cada uma à sua maneira, para o entendimento e conscientização sobre as narrativas periféricas. A da revista *Continuum*, por meio do aprofundamento no tema e na busca de vozes que saibam sobre a

vida periférica. E a do Brasil Escola, por outro lado, contribui com dados relevantes sobre o que é a favela, sendo um ponto de partida para maiores discussões sobre o tema.

## 6. Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BENTO, Cida. O Pacto da Branquitude. Companhia das Letras, 2022a

DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (sub)urbanos: o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?. Revista da Faculdade de Letras, 1994/5. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1588.pdf>

IBGE, Censo 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>

IBGE, Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 11, nov, 2022.

NEV-USP. Disponível em: <https://nev.prp.usp.br/sobre/institucional/>

PAIM, Denise. Luzes, câmera... Ação! No ar, a transformação midiática do conceito de periferia no conceito de comunidade, 2013. Tese (Mestrado em psicologia) - Faculdade Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Rios Grande do Sul, 2013.

PEÇANHA, Érica. Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Avançados, 2021. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/683>. Acesso em 14 de setembro de 2022

RIBEIRO, Amarolina. "Contrastes nas favelas"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/contrastes-nas-favelas.htm>. Acesso em 14 de setembro de 2022

ROLNIK. Raquel. Entrevista concedida à Revista Continuum Itaú cultural, O que é periferia?, 2010. Disponível:

<https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/06/14/o-que-e-periferia-entrevista-para-a-edicao-de-junho-da-revista-continuum-itaucultural/> Acesso em 14 de setembro de 2022

SMADS, Disponível em:

[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia\\_social/censo\\_2021/index.php?p=2007](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/censo_2021/index.php?p=2007)